

Exportações agrícolas: situação atual e perspectivas

Rubens Penha Cysne

*Professor da Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV e
Visiting Scholar do Departamento de Economia da Universidade de Chicago*

Neste artigo¹ calculam-se três diferentes trajetórias das exportações agrícolas brasileiras², em função do crescimento da renda mundial, da evolução do câmbio real e do crescimento do PIB doméstico.

Apresentamos um ligeiro resumo comparativo da situação atual, em perspectiva história e geográfica, do setor agrícola brasileiro. O gráfico 1 mostra que as exportações brasileiras de produtos agrícolas, que superaram 60% do valor total das exportações em meados dos anos de 1970, hoje em dia situam-se em algo da ordem de apenas 30%.

Não obstante a queda verificada em termos relativos, o valor em dólares das exportações agrícolas tem crescido fortemente nos últimos cinco anos, tendo passado de US\$ 13 bilhões a US\$ 35 bilhões entre 2000 e 2005.

Quando comparado aos países da América Latina, entretanto, conclui-se que o Brasil apenas recuperou a média de seu desempenho histórico desde o início dos anos de 1970 — isto fica evidente no gráfico 2.

Historicamente, o Brasil tem sido responsável, como se observa no gráfico 2, por algo entre 40% e 50% do total das exportações agrícolas da América Latina. A situação entre 2000 e 2005 mostra uma passagem do Brasil ligeiramente inferior a 40% para um pico ao redor de 50% do total.

Passemos às projeções para os anos de 2006 a 2009. Estas, para o Brasil, basearam-se em três cenários:

- Cenário negativo: PIB do Brasil crescendo a 2,5% ao ano; PIB mundial aumentando a 3,5% ao ano e câmbio real constante ao nível do final de 2005;
- Cenário médio: PIB do Brasil crescendo a 3% ao ano; PIB mundial crescendo a 5% ao ano e câmbio real desvalorizando-se 5% ao ano; e
- Cenário positivo: PIB do Brasil crescendo a 3,5% ao ano; PIB mundial alcançando 7% ao ano e câmbio real desvalorizando-se 10% ao ano.

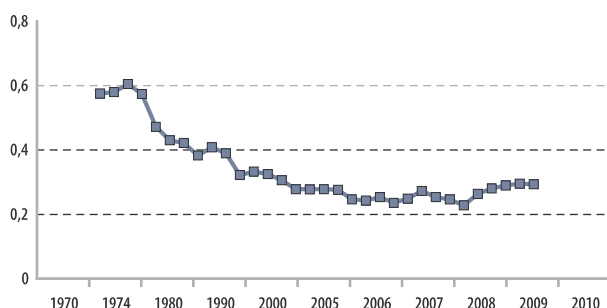
Para Estados Unidos e Argentina, a título de comparação, fizemos um cálculo baseado apenas em um modelo autoregressivo de primeira ordem.

O gráfico 3 apresenta a série histórica das exportações brasileiras de produtos agrícolas, bem como as três projeções a partir do final de 2005.

Apenas em função do crescimento do câmbio, da renda doméstica e da mundial, o comportamento das exportações difere substancialmente em cada caso. Passa-se de algo em torno de US\$ 35 bilhões, ao final de 2005, para, respectivamente, US\$ 39 bilhões, US\$ 45 bilhões ou US\$ 55 bilhões, em 2009, dependendo se o cenário será negativo, médio ou positivo.

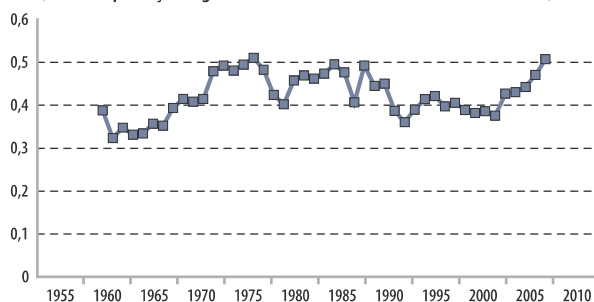
Na comparação com a Argentina, o Brasil passa a ter grande vantagem no cenário positivo, ampliando para algo em torno de US\$ 35 bilhões a dianteira nas exportações agrícolas que se iniciou ao final de 1998 — o gráfico 4 ilustra este ponto.

Gráf. 1 – Exportações agrícolas / exportações totais



Gráf. 2 – Recuperação

(% das exportações agrícolas brasileiras no total da América Latina)



Não se deve esperar para o setor agrícola uma perspectiva de melhoria das condições de lucratividade ao longo de 2006

Comparando-se os números do Brasil com os dos Estados Unidos chega-se, como se vê no gráfico 5, a uma diferença inferior a 30% ao final de 2009. Observe-se que entre 1974 e 1994 a diferença se situava acima de 450%.

Perspectivas — Não se deve esperar para o setor agrícola, entretanto, uma perspectiva de melhoria das condições de lucratividade ao longo de 2006. Isto porque, tratando-se de ano eleitoral, não é provável que haja uma desvalorização abrupta do câmbio real. Tal desvalorização reduziria o poder de compra da população, não sendo politicamente provável. Existem estudos acadêmicos que mostram que, em épocas de eleição, no Brasil, o câmbio real costuma não ser desvalorizado.

Adicionalmente, o descontrole fiscal, que dá sinais de se elevar neste primeiro trimestre do ano, implicará em maior absorção doméstica e, provavelmente, em saldos comerciais mais modestos ao final de 2006. O mecanismo que liga o descontrole fiscal à queda das exportações é o sistema de câmbio flexível. Maiores gastos elevam a taxa de juros, com isto valoriza-se o câmbio e se abre espaço para a troca do gasto bom (de não-residentes com nossas exportações, o que costuma gerar tecnologia e impulsionar o crescimento) pelo gasto ruim (gastos correntes do governo).

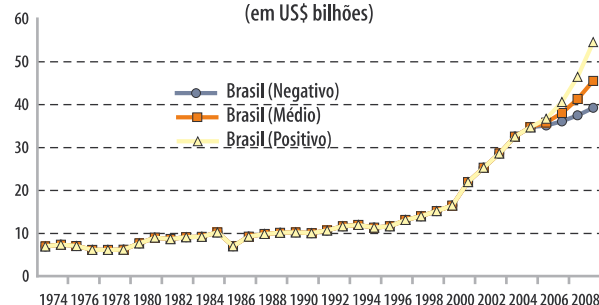
Encerrada as eleições, é possível que se parta para uma política fiscal mais austera no médio prazo. Isto, lado a lado a uma política de juros mais baixos, poderá impulsionar as vendas externas, levando a reboque as exportações de produtos agrícolas.

O risco de médio/longo prazo estaria, repetindo a discussão que se deu em meados da década de 80, em um *hard landing* do dólar, implicando uma conseqüente queda da demanda pelas nossas exportações (a China, por exemplo, teria o seu saldo comercial com os Estados Unidos reduzido). Mas, ao menos por enquanto, este risco ainda é administrável.

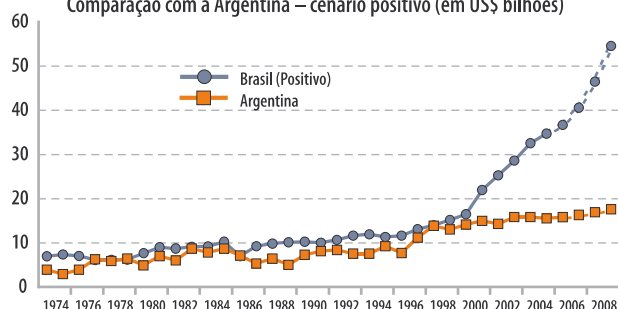
Afora o risco de uma descontinuidade no valor do dólar frente às demais moedas, no longo prazo o cenário médio descrito acima é uma aposta talvez otimista, mas tem chances de viabilizar-se. Isto implicaria chegarmos ao final de 2009 com algo em torno de US\$ 45 bilhões de exportações de agrícolas (ou algo em torno de US\$ 57 bilhões das exportações do grupo de agronegócio), um aumento da ordem de 30% em relação ao final de 2005.

¹Este artigo, que contou com a assistência de pesquisa de Paulo Grahl, sumariza a apresentação do autor no seminário "O Agronegócio no Brasil", em São Paulo, no dia 10 de abril de 2006.

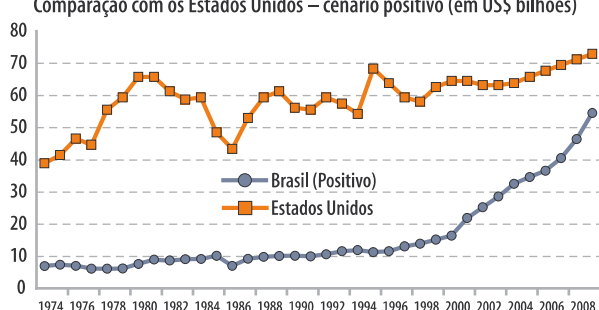
Gráf. 3 – Exportações brasileiras de produtos agrícolas
(em US\$ bilhões)



Gráf. 4 – Vantagem ampliada
Comparação com a Argentina – cenário positivo (em US\$ bilhões)



Gráf. 5 – Reduzindo diferenças
Comparação com os Estados Unidos – cenário positivo (em US\$ bilhões)



²Em virtude de utilizarmos dados para diferentes países padronizados pela FAO (Food and Agriculture Organization), fazemos referência apenas ao setor agrícola, e não ao agronegócio como um todo. As exportações brasileiras do agronegócio totalizaram US\$ 43,6 bilhões (37% do total), enquanto que apenas as agrícolas somaram US\$ 34,7 bilhões. Grosso modo, conseqüentemente, pode-se pensar nos números relativos ao agronegócio como algo em torno de 25% superiores aos do setor agrícola.